

Espaço do Associado

O PAPEL DA ABPMC PARA A TERAPIA COMPORTAMENTAL

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento  
ITCR-Campinas

Nas décadas de 50 e 60, alguns trabalhos com humanos, utilizando técnicas e princípios operantes, foram publicados em meio a muitos artigos de pesquisa básica com organismos infra-humanos, na revista *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (Flanagan, Goldiamond e Azrin, 1958; Ayllon e Michael, 1959; Ayllon e Haughton, 1962). Os trabalhos em clínica – ainda incipientes e carentes de um modelo psicoterapêutico bem caracterizado – eram aglutinados sob a denominação de Modificação de Comportamento, termo consolidado por Bandura em seu livro *Princípios de Modificação de Comportamento* (1969). Em 1968, a pressão para publicação da já vasta produção aplicada, deu origem a uma nova revista – a versão aplicada da JEAB, chamada *Journal of Applied Analysis of Behavior*. Apresentava artigos de aplicação sim, mas suas páginas não registravam trabalhos tipicamente clínicos, pois a linha editorial da Revista punha ênfase em trabalhos experimentais, não obstante serem conduzidos com humanos. O nome Modificação de Comportamento – inicialmente associado ao modelo operante – não sobreviveu.

Paralelamente, crescia um movimento, liderado essencialmente por psiquiatras, cujos nomes mais conhecidos foram Wolpe, Lazarus, Yates, Eysenck, Rachman, entre outros, os quais adotaram a terminologia Terapia Comportamental (nome, curiosamente, apresentado pela primeira vez por Skinner), mas que adotavam outro modelo conceitual, influenciado, basicamente, por Hull e Pavlov (Wolpe, 1958). O que havia em comum entre os dois movimentos? A adoção da aprendizagem como conceito central para a compreensão e intervenção sobre os comportamentos humanos mal adaptados. No entanto, as diferenças entre as múltiplas teorias de aprendizagem são tão radicais, que é ingênuo supor que as Terapias Comportamentais, por adotarem um nome conceitual comum, são próximas entre si. De qualquer maneira, o grupo que adotou o termo *Terapia Comportamental* estava trabalhando em consultório (ou pelo menos em clínicas universitárias), com problemas comportamentais que atormentavam os seres humanos, ou seja, estava propondo um modelo clínico, que se oferecia como alternativa aos modelos psicodinâmicos que prevaleciam à época. Foram ágeis e eficientes e, em poucos anos, várias revistas, sob sua linha editorial, passaram a ser publicadas, trazendo artigos sobre conceitos básicos para a prática clínica e sobre pesquisas relacionadas com as técnicas psicoterapêuticas recém desenvolvidas (*Behavior Therapy, Behaviour Research and Therapy, Behavior Therapy and Experimental Psychiatry* são alguns exemplos bem representativos). O nome Terapia Comportamental – inicialmente associado ao conceito de inibição recíproca – sobreviveu.

O desenvolvimento da Terapia Comportamental no Brasil (a partir deste ponto, passo a usar tal termo para aconchegar os diversos matizes conceituais e os arsenais de técnicas que compõem a “família” de terapias comportamentais) foi inicialmente tímido, muito mais por pressões advindas dos próprios comportamentalistas. Alguns consideravam prematura a passagem do conhecimento experimentalmente sistematizado em situações controladas para a prática clínica, já que esta estava desprovida de qualquer condição de controle experimental das variáveis em operação. Era incapaz,

portanto, de ela própria avaliar a fidedignidade das relações causais que se processavam no contexto psicoterapêutico. É notável reconhecer que terapeutas de outras abordagens, em particular no contexto universitário, eram mais acolhedores com a recém chegada Terapia Comportamental, se bem que a ela reservassem um reduto razoavelmente bem delimitado, qual seja o de terapia para “problemas mais simples”, se referindo a tratamentos de gagueira, enurese noturna, tiques, fobias etc. Lembro-me, quando em 1970 oferecemos – sob a coordenação da Dra. Maria do Carmo Guedes – um curso optativo de Modificação de Comportamento para alunos de Psicologia da PUC-SP, do comentário feito pela Dra. Ana Maria Poppovic (Diretora da Clínica-Escola), com um sorriso de boas-vindas: – Então, são vocês os pragmáticos do Behaviorismo!?!...

Outros desanimaram com a ausência de um modelo de atuação clínico bem definido (o movimento comportamental clínico buscava sua identidade e ainda carecia de uma caracterização) e se bandearam para outras abordagens. Restaram, afinal, poucos, os quais se atreveram e se mantiveram na árdua tarefa de desenvolver uma Terapia Comportamental no Brasil e foram em frente, insistindo na atuação clínica, mesmo que sob diversas filiações conceituais (Guilhardi, 2003). Dessa atuação diversificada, resultaram algumas variantes, duas das quais são conhecidas como Terapia Comportamental e Terapia Cognitivo-Comportamental (mais recentemente, surgiram a Terapia Construtivista, a Terapia Analítico-Comportamental e a Terapia por Contingências de Reforçamento, para citar as mais conhecidas).

Em 1991, Bernard Rangé teve a coragem e o discernimento de criar uma Associação Brasileira, a qual, menos preocupada com as diferenças entre formas de trabalhos em clínica, se propunha a unir, dentro de uma mesma organização, aqueles que tinham algumas práticas e conceitos em comum. Aliás, Range, em colaboração com Lettner, já havia ensaiado um passo prévio, publicando o primeiro livro brasileiro de Terapia Comportamental, o qual causou um estimulante impacto no ambiente comportamental da época (Rangé e Lettner, 1988). (Esse livro ainda merece uma justa análise histórica). O nome proposto por Rangé, – *Associação Brasileira de Terapia e Medicina Comportamental* –, em seguida adotado pela comunidade de terapeutas comportamentais, revela por si o ambicioso e destemido escopo da recém criada Entidade. Foi um passo histórico enfatizar semelhanças e não diferenças. A partir de então, o sucesso foi encorajador.

Desde sua fundação, a Associação repetiu anualmente – sem nenhuma omissão – o Encontro Anual e, a partir de 1997, iniciou a publicação da coleção *Sobre Comportamento e Cognição*. Passou também a publicar a *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. A participação de estudantes e profissionais nos Encontros anuais cresceu notavelmente, atingindo até 2300 participantes num único evento. Foi realizado no Brasil o 2º Encontro Internacional de Terapia Comportamental em conjunto com a *Association for Behavior Analysis* (ABA), cujo sucesso confirmou a absoluta aprovação dos diretores da ABA ao trabalho que vinha sendo realizado pela ABPMC.

O mais importante, porém, é que os comportamentalistas encontraram um contexto onde passaram a expor seus trabalhos e a se influenciar reciprocamente. As oportunidades que as atividades propostas pela ABPMC criaram para o desenvolvimento conceitual e aplicado – em associação com pesquisadores básicos e professores – alçaram a Terapia Comportamental (não importando seus subtítulos) a um nível no qual ela contribui, indiscutivelmente, para o desenvolvimento da área comportamental aplicada, em particular, e para o crescimento da Psicologia como um todo.

A Terapia Comportamental é um movimento alerta, que se transforma e se desenvolve conceitual e tecnicamente; que presta serviços relevantes para a comunidade; que paulatinamente cria uma nova proposta de serviço psicológico; que desenvolve e propõe práticas de ensino que maximizam a qualidade de formação de profissionais da sua área.

Não ousou afirmar que a ABPMC é a “causa” de todo o desenvolvimento da área comportamental apontado, mas certamente foi um agente catalisador de todo o processo de crescimento descrito. Há necessidade de mérito maior?

### Referências

- Ayllon, T. e Haughton, E. (1962). Control of the behavior of schizophrenic patients by food. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 5, 343-352.
- Ayllon, T. e Michael, J. (1959). The psychiatric nurse as a behavioral engineer. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 2, 323-334.
- Bandura, A. (1969). *Principles of Behavior Modification*. Holt, Rinehart and Winston, New York (publicado no Brasil em 1979).
- Flanagan, B., Goldiamond, L. e Azrin, N. H. (1958). Operant stuttering: the control of stuttering behavior through response-contingent consequences. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* 1, 173 – 179.
- Guilhardi, H. J. (2003). *Tudo se deve às conseqüências...* Disponível em: <http://www.terapiaporcontingencias.com.br> (não publicado).
- Lettner, H. W. e Rangé, B. P. (Eds.) (1988). *Manual de Psicoterapia Comportamental*. Ed. Manole, São Paulo.
- Wolpe, J. (1958). *Psychotherapy by Reciprocal Inhibition*. Stanford University Press, Stanford.

## O estudo da cultura pela Análise do Comportamento

Angelo A. S. Sampaio

Mestre em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela PUC-SP

Membro do Grupo Análise do Comportamento e Cultura da PUC-SP e da Comissão de Apoio da ABPMC para Difusão da Análise do Comportamento

Professor da UNIP

O comportamento humano é fruto da inter-relação entre a história evolucionária da espécie (filogênese), a história comportamental do indivíduo (ontogênese) e a história cultural do grupo ao qual o indivíduo pertence. Estas três histórias podem ser compreendidas através de um mesmo modelo causal: a seleção por conseqüências. Só um esforço conjunto voltado para estes três níveis de seleção por conseqüências pode permitir uma adequada compreensão do comportamento humano. Estas proposições são defendidas por Skinner ao menos desde a publicação do livro *Ciência e comportamento humano* (Skinner, 1953). A importância da cultura para a conformação do comportamento humano, portanto, é enfatizada pelos analistas do comportamento desde a década de 1950. Além disso, assume-se que “a manipulação deliberada da cultura é em si mesma uma característica de muitas culturas – um fato a ser explicado por uma análise científica do comportamento humano. Propor uma mudança em uma prática cultural, fazer a mudança e aceitar a mudança, são partes do nosso objeto de estudo.” (Skinner, 1953, p. 427, *itálico acrescentado*)

Skinner (1953), entretanto, igualou cultura a ambiente social (porção do ambiente composta por outras pessoas) e a tomou fundamentalmente como *parte das explicações* para o agir individual e não como algo a ser *explicado em si mesmo*. O interesse dos analistas do comportamento pelo estudo da cultura como um conjunto de ações humanas que também deve ser explicado parece ter ganhado destaque apenas após a explicitação do modelo causal de seleção por conseqüências em três níveis no artigo *Seleção por conseqüências* (Skinner, 1981). Neste artigo, a evolução cultural é retratada claramente como um processo análogo ao do reforço do comportamento operante. Apesar de Skinner (1981) atribuir o estudo do nível cultural à Antropologia, muitos analistas do comportamento passaram a buscar compreender e integrar de modo mais explícito a evolução cultural com a evolução do comportamento “individual”. Na década de 1980, desta forma, surgem diversos trabalhos, eminentemente teóricos ou interpretativos, perseguindo o objetivo de integrar o que seriam as áreas de estudo da Psicologia e da Antropologia (ou das Ciências Sociais). As fronteiras entre as Ciências Humanas estavam sendo rompidas.

A autora que possivelmente mais se destacou nestes esforços foi Sigrid. S. Glenn, com suas propostas em torno do conceito de metacontingência. Ao analisar o romance utópico *Walden Two* (Skinner, 1948), Glenn (1986) introduziu o conceito de metacontingência buscando esclarecer “a distinção traçada por Skinner entre a seleção do comportamento operante em indivíduos e a seleção de práticas culturais em sociedades.” (p. 2). Uma metacontingência foi definida como “a unidade de análise que descreve as relações funcionais entre uma classe de operantes, cada operante com sua própria conseqüência imediata e única, e uma conseqüência a longo prazo comum a todos os operantes na metacontingência.” (Glenn, 1986, p. 2) Ao longo dos anos, esta autora tem refinado constantemente os conceitos empregados para lidar com a evolução cultural. Em 2004, por exemplo, uma metacontingência passou a ser definida como uma relação funcional entre 1) contingências comportamentais entrelaçadas recorrentes (isto

é, interações repetidas entre mais de uma pessoa) que funcionam como uma unidade integrada e 2) um efeito gerado por elas (produto agregado) que afeta a probabilidade de repetição futura das contingências comportamentais entrelaçadas (Glenn, 2004, p. 144).

Além de refinar o próprio conceito de metacontingência, Glenn (1988, 1989, 1991) buscou integrar a Análise do Comportamento com uma abordagem da Antropologia (o Materialismo Cultural de Marvin Harris), propôs a adoção de uma terminologia próxima à da Biologia Evolucionária para tratar da evolução cultural (Glenn, 2003) e sugeriu a distinção entre dois tipos de fenômenos culturais: os que envolvem seleção cultural (metacontingências) e os que não envolvem tal seleção (macrocontingências) (Glenn, 2004).

Os novos conceitos propostos por Glenn e sua articulação teórica com perspectivas de outras disciplinas científicas levaram a muita discussão teórica, à tentativa de interpretação de diversas questões sociais e atraíram a atenção de muitos analistas do comportamento brasileiros (Todorov, 1987; Andery & Sérgio, 1997; Todorov, Moreira & Martone, 2005; Andery, Micheletto & Sérgio, 2005). Em 2005, por exemplo, realizou-se junto ao encontro anual da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, em Campinas, um encontro de pesquisadores (do Brasil, dos EUA, do Reino Unido e da Noruega) interessados no tema da análise cultural (*Think tank on metacontingencies and cultural analysis*) – a primeira de uma série de reuniões semelhantes realizadas também em outros países.

Até o início da presente década, porém, não havia nenhuma tentativa sistemática de validar *empiricamente* os conceitos de metacontingência e macrocontingência. Após muitos anos de elaboração teórica e interpretativa, isso mudou: os esforços dos interessados na análise da cultura passaram a se concentrar em como estudar *empírica e sistematicamente* este fenômeno e na elaboração de *métodos* adequados de estudo. O Brasil destaca-se nesse novo cenário conduzindo as primeiras tentativas de estudar metacontingências experimentalmente. Valendo-se também de estudos da Psicologia Social, pesquisadores brasileiros buscaram reproduzir em laboratório as principais características de fenômenos culturais: relações sociais, trabalho em grupo, geração do que é chamado de produto agregado, substituição dos membros de um grupo etc. (Vichi, 2004; Martone, 2007; Pereira, 2008). Os primeiros trabalhos empíricos brasileiros têm estimulado a pesquisa na área em diversas regiões do país (por ex. na UFPA, UnB, PUC-SP e UFSC) e no exterior.

No estudo da cultura pela Análise do Comportamento, o momento de teorizar e interpretar sem muito embasamento empírico sistemático parece ter ficado para trás. Os esforços têm se voltado cada vez mais para questões metodológicas. O grande desafio agora parece ser a construção de situações adequadas de pesquisa. Além da construção de situações experimentais em laboratório, tem-se discutido a possibilidade do uso de experimentos naturais ou quase-experimentos para o estudo sistemático da cultura (Pierce, 1991; Kunkel & Lamal, 1991; Mattaini, 1996; Sampaio, 2008). Um exemplo de estudo que pode ser visto como um quase-experimento é o de Machado (2007), que analisou as relações comportamentais envolvidas na intervenção cultural que levou ao respeito à faixa de pedestres em Brasília a partir de meados da década de 1990. Machado (2007) coletou dados estatísticos, entrevistas, notícias de jornais etc. tentando reconstruir historicamente e analisar as relações comportamentais envolvidas no surgimento das novas práticas culturais relacionadas à travessia na faixa de pedestres.

Estudos como esse mostram a possibilidade de produzir conhecimento empírico confiável e válido sobre o tema da cultura mesmo sem o controle experimental possível em um laboratório. Como Skinner (1953) enfatizou décadas atrás:

no campo do comportamento humano, particularmente no planejamento cultural, devemos reconhecer um tipo de complexidade em face da qual o rigor de uma ciência de laboratório não pode ser mantido. Mas isso não significa que a ciência não possa contribuir para a solução de problemas cruciais. Está no espírito da ciência insistir em uma observação cuidadosa, na coleta de informações adequadas e na formulação de conclusões que contenham o mínimo das 'expectativas do pesquisador' [*wishful thinking*]. Tudo isso se aplica tanto às situações complexas quanto às simples. (p. 435)

As perspectivas abertas pelo estudo empírico e sistemático da cultura pela Análise do Comportamento ainda não foram devidamente apreendidas. A única certeza é que novas pesquisas sobre o tema só irão ampliar nossa compreensão e capacidade de intervenção sob o mundo à nossa volta. Os pesquisadores brasileiros interessados no tema podem bem estar no local e no momento certo para dar importantes contribuições para estes objetivos.

### Referências

- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. de A. P. (2005). A análise de fenômenos sociais: Esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1 (2), 149-165.
- Andery, M. A. & Sério, T. M. A. P. (1997). O conceito de metacontingências: afinal, a velha contingência de reforçamento é suficiente? Em: R. A. Banaco (org.). *Sobre Comportamento e Cognição vol.1* (pp.106-116). Santo André, SP: Arbytes/ESETec.
- Glenn, S. S. (1986). Metacontingencies in Walden Two. *Behavior Analysis and Social Action*, 5, 2-8.
- Glenn, S. S. (1988). Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. *The Behavior Analyst*, 11 (2), 161-179.
- Glenn, S. S. (1989). Verbal behavior and cultural practices. *Behavior Analysis and Social Action*, 7, 10-15.
- Glenn, S. S. (1991). Contingencies and metacontingencies: Relations among behavioral, cultural, and biological evolution. Em P. A. Lamal (ed.), *Behavior analysis of societies and cultural practices* (pp. 39-73). New York : Hemisphere.
- Glenn, S. S. (2003). Operant contingencies and the origins of cultures. Em K. A. Lattal & P. N. Chase (eds.), *Behavior theory and philosophy* (pp. 223-242). New York : Kluwer Academic/Plenum.
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27 (2), 133-151.
- Kunkel, J. H. & Lamal, P. A. (1991). The road ahead. Em P. A. Lamal (Ed.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 243-247). New York : Hemisphere.
- Machado, V. L. (2007). *O comportamento do brasileiro na faixa de pedestre: Exemplo de uma intervenção cultural*. Dissertação de mestrado, Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, Universidade de Brasília, Brasília.
- Martone, R. C. (2007). *Efeito de conseqüências externas e de mudanças na constituição do grupo sobre a distribuição dos ganhos em uma metacontingência experimental*. Exame de Qualificação, Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, Universidade de Brasília, Brasília.
- Mattaini, M. A. (1996). Public issues, human behavior, and cultural design. Em M. A. Mattaini & B. A. Thyer (eds.), *Finding solutions to social problems: Behavioral*

- strategies for change* (pp. 13-40). Washington , D.C. : American Psychological Association Books.
- Pereira, J. M. C. (2008). *Investigação experimental de metacontingências: separação do produto agregado e da consequência individual*. Dissertação de mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental : Análise do Comportamento, PUC-SP, São Paulo.
- Pierce, W. D. (1991). Culture and society: The role of behavioral analysis. Em P. A. Lamal (Ed.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 13-37). New York : Hemisphere.
- Sampaio, A. A. S. (2008). *A quase-experimentação no estudo da cultura: Análise da obra Colapso de Jared Diamond*. Dissertação de mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental : Análise do Comportamento, PUC-SP, São Paulo.
- Skinner, B. F (1948). *Walden two*. New York : Macmillan.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York : Free Press.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213 (4507), 501-504.
- Todorov, J. C. (1987). A Constituição como metacontingência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 1, 9-13.
- Todorov, J. C., Martone, R. C. e Moreira, M. B. (orgs.). (2005). *Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade*. Santo André, SP: ESETec.
- Vichi, C. (2004). *Igualdade ou desigualdade em pequeno grupo: Um análogo experimental de manipulação de uma prática cultural*. Dissertação de mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental : Análise do Comportamento, PUC-SP, São Paulo.

Análise do Comportamento e Esporte

Eduardo Neves P. de Cillo

USP/ PUC Minas

A aproximação da análise do comportamento com o esporte e com a atividade física ocorreu já no início da década de 70. Segundo Martin e Tkachuk (2001) o marco do início da psicologia comportamental do esporte foi a publicação do livro *O desenvolvimento e controle do comportamento no esporte e educação física* de Brent Rushall e Daryl Siedentop, em 1972. Já naquela época os autores propunham diversas estratégias para modelar, manter e generalizar habilidades esportivas. Posteriormente Siedentop direcionou-se para a educação física enquanto Rushall focou seus trabalhos junto ao esporte.

No contexto do desenvolvimento da análise aplicada do comportamento foram pesquisas de condicionamento operante do comportamento verbal, nas décadas de 50 e 60, que forneceram uma ponte direta entre os métodos de investigação de laboratório e aplicações como a psicoterapia e a educação, inicialmente (KAZDIN, 1978). Em outras palavras: a partir de pesquisas com o comportamento verbal o analista do comportamento teve acesso ao trabalho com tipos de repertórios complexos considerados tipicamente humanos. Este passo possibilitou o desenvolvimento de tecnologias comportamentais para o manejo de variáveis em outros ambientes além do laboratório. O analista do comportamento, então, passou a aplicar os princípios de laboratório em ambientes com um menor isolamento de variáveis, porém com uma maior relevância social na medida em que se aproximava da solução de problemas do cotidiano humano. O esporte foi um dos campos contemplados neste período. Rubio (2000) aponta para o grande desenvolvimento acadêmico e aplicado da psicologia do esporte justamente nas décadas de 60 e 70.

A divisão do campo de atuação, entre esporte e educação física, merece algumas considerações. O termo “esporte” tem sido utilizado de forma bastante abrangente, abarcando toda forma de atividade física. Segundo Scala (2000) podemos dividir a atuação junto ao esporte em quatro campos específicos: alto-rendimento; educacional; reabilitação; e recreação ou tempo livre.



O esporte de alto-rendimento pode ser caracterizado como aquele que envolve competição (DE ROSE JR., 2000) e tem como objetivos a superação de marcas ou índices e a obtenção de títulos. Não necessariamente estamos falando de saúde na medida em que a busca pela superação, muitas vezes, leva os organismos dos atletas além dos seus limites. O esporte de alto rendimento é, também, caracterizado em muitos países por um alto investimento e envolvimento de organizações (como a FIFA e a CBF no futebol) que possuem amplos poderes quanto ao controle das pessoas à elas submetidas. O trabalho do analista do comportamento neste campo é, resumidamente, a análise do desempenho esportivo e das variáveis das quais é função e, a procura pela melhoria deste desempenho.

Ao tratarmos especificamente do esporte de alto rendimento pode-se dizer que a aproximação com a análise do comportamento foi facilitada por alguns fatores relacionados às semelhanças tanto na mensuração como na manipulação de comportamentos (MARTIN, 2001). Como se a folha de registro do analista do comportamento estivesse para o *scout* utilizado pelo técnico para avaliar o desempenho de seus atletas. Neste sentido o registro de respostas no esporte torna-se importante para avaliação de linha de base em um desempenho atlético, a qual irá contribuir para a escolha de técnica(s) apropriada(s) e da avaliação posterior dos seus resultados em termos de mudanças comportamentais.

Já o esporte educacional engloba desde a atividade física para alunos de uma escola até projetos sociais que utilizem o esporte como metodologia de ensino. Em um caso como no outro, a atividade física pode ser utilizada para ensinar repertórios comportamentais de cuidados com a saúde, discriminação de estados internos e de socialização. Portanto, a atuação do analista neste campo, está voltada para o desenvolvimento da aprendizagem de repertórios específicos, porém, nem sempre diretamente relacionados à atividade física (CILLO, 2002).

O esporte de reabilitação engloba desde o trabalho com pacientes hospitalizados ou em recuperação que necessitem de um suporte para resgatar uma condição perdida após um acidente, lesão ou doença temporária até o trabalho voltado para uma readaptação de determinados sujeitos cujo evento anterior tenha ocasionado uma mudança duradoura em sua condição de vida (a perda de uma perna em um acidente de carro, por exemplo). É importante dizer que o trabalho do analista do comportamento neste campo pode envolver atletas lesionados ou a população em geral, sempre buscando a adesão dos sujeitos ao tratamento.

Por fim, o esporte de recreação ou tempo livre é aquele cujas atividades estão destinadas à população como um todo. Geralmente o trabalho do analista do comportamento ocorre junto ao planejamento e à execução de projetos do governo, ou de instituições privadas, cujos objetivos são disponibilizar recursos humanos e materiais para que a população participe de atividades de lazer em espaços públicos.

Dos campos apresentados anteriormente o esporte de alto rendimento tem sido o mais contemplado pela literatura específica. Basicamente os pesquisadores desta área tem procurado testar e descrever procedimentos voltados para a melhora do desempenho esportivo. Scala (2000) apresentou uma revisão de literatura na qual evidenciou as técnicas mais freqüentemente utilizadas e descritas em relatos de pesquisa específicos da área de Psicologia do Esporte. São elas: estabelecimento de metas, prática encoberta (também conhecida como visualização), auto-fala e relaxamento. Na maioria das vezes tais técnicas são aplicadas na forma de pacotes.

O estabelecimento de metas consiste em um rearranjo de contingências a partir do planejamento de treino e competição, na medida em que se percebe que os objetivos anteriormente estabelecidos possuem poucas chances de serem alcançadas. Em outras palavras busca-se estabelecer metas graduais, para as quais se direcionam comportamentos que possam efetivamente produzir os resultados esperados. Muito comum é ouvir de um atleta ou de uma equipe que seu objetivo é “ser campeão”, ou “chegar ao lugar mais alto do pódio”. Bom, para chegar até lá é necessário estabelecer um plano que contemple cada etapa até as finais da competição em disputa, sendo que cada qual exige certos tipos de comportamentos específicos. Vale dizer que quanto mais alto for o degrau objetivado maior será a exigência para se alcançá-lo.

Um aspecto importante do estabelecimento de metas é a referência. Ou seja, a meta a ser buscada deve ser sempre estabelecida de forma clara, objetiva e em comparação com os resultados anteriores do próprio atleta. Neste sentido a comparação com os resultados de outro (s) atleta (s) podem ser prejudiciais. Em uma modalidade que exige tantas habilidades o progresso pode ser razoavelmente lento e, assim sendo, pode ser que grandes desempenhos sejam o produto de anos de aprimoramento. Assim, faz-se necessário empreender um planejamento de curto, médio e longo prazo, durante os quais os progressos da atleta sejam mensurados a partir da comparação de seus próprios resultados ao longo do tempo. A comparação com os resultados de outro (s) atleta (s) dificilmente levará em conta os processos pelos quais o (s) outro (s) tenha (m) passado. Pode ser frustrante e prejudicial, principalmente para iniciantes. Talvez seja necessário, inclusive, desenvolver mais os

fundamentos da modalidade (habilidades básicas) para garantir a classificação as fases finais, e posteriormente desenvolver repertórios mais complexos, refinados e variados.

Tão importante quanto o planejamento é a avaliação de desempenho. A comparação objetiva entre os números aponta para os produtos do treinamento, assim como seus sucessos e fracassos. Deste modo é possível reorganizar a preparação da atleta, privilegiando seus pontos fracos e mantendo os fortes.

A prática encoberta (ou visualização) refere-se ao treinamento através da imaginação, a qual permite executar e corrigir desempenhos que em competições não tem gerado bons resultados. Elabora-se um roteiro para o atleta seguir de modo que ele possa “ver e rever” seu desempenho preparando-se para situações inusitadas e/ou aprendendo a ficar sob controle de situações relevantes na hora da *performance*. De preferência pede-se ao atleta que fique atento à imaginação de estímulos visuais, auditivos, táteis, olfativos... (por isso o termo visualização não contempla todas as dimensões de estímulos envolvidos; MARTIN, 2001). Há diversos aspectos envolvidos na habilidade de imaginar. Ao contrario do que muitos acreditam a imaginação pode ser treinada. E por diversos modos. Um modo útil consiste em pedir ao atleta que feche seus olhos (em um ambiente calmo e em posição confortável), e ler um pequeno texto (uma ou duas páginas) o qual descreva parte da situação de treinamento ou competição. A seguir solicita-se a ele que avalie sua própria imaginação (Conseguiu acompanhar a leitura do texto ou sua imaginação buscava “escapar”? Assistiu a uma cena em cores ou preto e branco? Qual a velocidade da cena? E quanto à perspectiva? Era ele um protagonista, coadjuvante ou figurante da cena?). Estes aspectos serão úteis para o planejamento do restante deste tipo de treino. Quanto mais detalhes e vivacidade tiver a imaginação da atleta maiores serão as chances de que esta estratégia funcione.

Outra tática útil para o treinamento da imaginação diz respeito a olhar-se no espelho enquanto executa movimentos comuns a sua pratica (de modo complementar assistir a vídeos de seu próprio desempenho também pode complementar esta tática). É importante prestar atenção não só aos estímulos visuais, mas também as sensações advindas da musculatura e do aparelho locomotor como um todo. Após um pouco de pratica pode-se solicitar ao atleta que realize os movimentos de olhos fechados. Pode ser um pouco mais difícil manter o equilíbrio, porém fica mais fácil entrar em contato com as sensações intra pele.

De forma resumida a pratica encoberta pode ser utilizada em momentos específicos do treinamento (para os fundamentos de maior dificuldade, por exemplo), antes e depois de sua execução. A perspectiva sempre deve ser a do próprio atleta e,

na imaginação ao menos, o resultado deve ser o melhor possível (não se recomenda imaginar erros). Além de utilizar a técnica durante os treinamentos o atleta também deve utilizá-la na cama, antes de dormir, nas noites que antecedem apresentações ou competições, e se quiser no trajeto para o local da prova (no ônibus, por exemplo).

Relaxamentos podem ser utilizados para diversos fins. Desde a regulação de estados fisiológicos contrários ao excesso de tensão até para a discriminação de sensações relacionadas à contração e relaxamento muscular apropriados a desempenhos específicos. Trata-se de um conjunto de técnicas que podem e devem ser utilizadas em conjunto com a imaginação treinada. Basicamente estas estratégias resumem-se ao controle de respiração de forma a afetar a frequência cardíaca e os demais processos fisiológicos envolvidos (ativação do sistema nervoso autônomo, secreção hormonal, e demais processos decorrentes). Não necessariamente um organismo muito relaxado encontra-se em estado adequado para desempenhos motores e/ou táticos. Assim, trata-se de um engano produzir relaxamento de modo indiscriminado. A depender da tarefa envolvida exige-se um determinado nível de excitação (ativação). Importante que cada atleta aprenda a perceber os sinais (frequência cardíaca e tensão muscular, por exemplo) que sirvam como alertas para diminuição, aumento ou manutenção do nível de ativação. Há uma diversidade de técnicas e variações destas descritas na literatura (MARTIN, 2001). Independente das variações utilizadas um princípio desta estratégia é que, uma vez concentrado na técnica, o atleta evitara manter sua atenção sob controle de situações pouco produtivas ou mais estressantes.

A auto-fala geralmente é utilizada no auxílio da melhora de concentração (ficar sob controle de aspectos relevantes da situação de treino ou de competição) ou para o controle de respostas reflexas (palavras associadas a estados emocionais adequados ao desempenho esportivo). Importante dizer que se trata da escolha de palavras a serem ditas pela própria atleta em momentos chave do desempenho. Estas palavras são bastante úteis no encadeamento das ações de rotinas. Funcionam como sinais para etapas do desempenho a seguir e aumentam a concentração na medida em que mantém o atleta focado no que fazer ao invés de quaisquer outros aspectos do ambiente, presentes ou imaginados, que possam interferir na rotina desempenhada. Uma vantagem extra da auto-fala relaciona-se ao controle emocional: na medida em que o atleta utiliza este recurso em treinamentos e passa a utilizá-lo nas competições estará aproximando-se da chamada generalização de desempenho. Ou seja, o ambiente de treinamento fica mais parecido com o de competição (MARTIN E TKACHUK, 2001). Estes mesmos autores afirmam que ainda é necessário realizar pesquisas que possam investigar esta relação.

Como já foi dito estas técnicas freqüentemente são utilizadas em conjunto e, por vezes, uma é pré-requisito de outra (relaxamento como condição anterior para o uso de prática encoberta, por exemplo). A auto-fala pode ser encadeada também com o treino de imaginação na pratica encoberta de forma a auxiliar o atleta a “decorar” sua rotina. De extrema importância é o fato de que a escolha das palavras utilizadas seja do atleta, de acordo com os “significados” prévios que tenha e os objetivos do seu uso. Por exemplo: se a meta é produzir relaxamento dificilmente a palavra “ação!” será eficaz. Outro aspecto importante é que a palavra descreva minimamente o que fazer, então a escolha de verbos pode ser útil (exemplo: “girar”).

Finalmente um comentário que ainda deve ser feito refere-se à adequação das estratégias de acordo com o nível de desempenho da atleta. O uso das estratégias pode ser adaptado tanto para a aquisição de habilidades específicas, quanto para o refinamento destas (treinamento) ou manutenção (competição). Neste sentido o uso das estratégias desde a aquisição certamente facilitará sua prática nas etapas seguintes, de treino e competição. Não existem estratégias milagrosas, e sim treinamentos e técnicas realizados de modo eficaz.

O leitor atento certamente poderá se perguntar o que a análise do comportamento tem a dizer sobre as modalidades coletivas? Skinner (1953) afirma:

“O comportamento do individuo explica o fenômeno do grupo.”

[...]

“...se formos capazes de explicar o comportamento de pessoas em grupos sem usar nenhum termo novo ou sem pressupor nenhum novo processo ou principio, teremos demonstrado uma promissora simplicidade nos dados.” [...](p286)

Neste sentido, trabalhar com modalidades coletivas implica em um grau extra de trabalho no sentido de compreender não somente as contingências controladoras de cada membro do grupo, mas de compreendê-las entrelaçadas. Mais que isso: é papel do analista do comportamento atuar no sentido da produção de cooperação a partir destas contingências entrelaçadas. Obviamente estas afirmações não esgotam o assunto, mas dão uma boa dica sobre possíveis caminhos a seguir. A literatura específica da análise do comportamento aplicada ao esporte ainda encontra-se muito carente de descrições de trabalhos com modalidades coletivas. Fica aqui um convite aos interessados.

Uma boa dica para quem esta se iniciando na área ou pretende fazê-lo é o livro *Consultoria em Psicologia do Esporte: orientações Práticas em Análise do*

*Comportamento*, do professor Garry Martin, da Universidade de Manitoba, no Canadá. A obra foi lançada no Brasil, em 2001, pelo Instituto de Análise do Comportamento de Campinas (IAC), atualmente Instituto de Terapia por Contingências.

## Referencias Bibliográficas

- Cillo, E.N.P. (2002). Psicologia do Esporte: conceitos aplicados a partir da Análise do Comportamento. Em Adélia Maria dos Santos Teixeira (org.) *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar*, volume 1, ESETec, Santo André/SP, 119-137.
- De Rose Jr., D. (2000) O esporte e a psicologia: enfoque do profissional do esporte. *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. Katia Rubio (org.), Casa do psicólogo, São Paulo, 29-39.
- Kazdin, A.E. (1978) *History of behavior modification: experimental foundations of contemporary research*. Baltimore: University Park Press, pp. 119-185.
- Martin, G. L. (2001). *Consultoria em Psicologia do Esporte: orientações Práticas em Análise do Comportamento*. Traduzido por: Noreen Campbell de Aguirre. Título original: Sport psychology consulting: practical guidelines from behavior analysis. Campinas, Instituto de Análise do Comportamento.
- Martin, G.L. & Tkachuk, G.A (2001) Psicologia comportamental no esporte. *Sobre Comportamento e cognição*. Vol. 8, pp. 313-336.
- Rubio, K. (2000). O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. Em Kátia Rubio (org.), *Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rushall, B.S. & Siedentop, D. (1972). *The development and control of behavior in sport and physical education*. Philadelphia, P.A.: Lea & Febiger.
- Scala, C.T. (2000). Proposta de intervenção em psicologia do esporte. *Revista Brasileira de terapia comportamental e cognitiva*. Volume 2, número 1, 53-59.

## Skinner, Darwin e Dawkins: Encontros

José Antônio Damásio Abib

Universidade Federal de São Carlos

No Gênesis bíblico, Deus teria criado a diversidade dos seres vivos em sua forma atual. O criacionismo, esse mito da criação do mundo, da vida e da diversidade dos seres vivos, transfigura-se, tal qual camaleão, com terminologia científica, como ciência da criação, modelo da complexidade inicial e teoria do desígnio inteligente, com a finalidade de se legitimar e contestar a teoria da evolução de Charles Darwin, apresentada em seu clássico *A origem das espécies*, publicado no ano memorável de 1859. Darwin demonstra em *A origem* que os seres vivos se transformam, que não surgiram em sua forma atual, e fundamenta sua tese em dois processos, a *variação casual*, denominada de mutação aleatória no neodarwinismo, a combinação das leis da genética mendeliana com o darwinismo, e a *seleção natural*. As variações casuais entre os indivíduos de uma espécie, como no exemplo de Darwin das doze variedades de carvalho, que na época eram consideradas espécies diferentes, embora somente uma ou duas o fossem, fornecem o material para a seleção. As variações que propiciam a sobrevivência dos indivíduos no ambiente em que vivem são selecionadas e preservadas, as prejudiciais são eliminadas. A seleção é cumulativa e lenta e, com o tempo, um longo tempo, dá origem a novas espécies, sendo, portanto, criadora.

Em sentido amplo, pode-se dizer que Skinner plasma o modelo de seleção por conseqüências no processo de seleção de Darwin e na lei do efeito de Thorndike, lei que, em grande parte, foi devida ao darwinismo. Na expressão ‘seleção por conseqüências’, ‘seleção’ deve-se ao processo de seleção, e ‘conseqüência’, à lei do efeito. Em seu elogio ao artigo de Skinner, *Seleção por conseqüências*, Richard Dawkins, o eminente neodarwinista, um dos intelectuais mais aclamados da atualidade, disse, em *Replicadores, conseqüências e atividades de deslocamento*, que o acha “admirável”. E disse mais: disse que a expressão ‘seleção por conseqüências’ é uma boa frase para caracterizar os processos darwinistas. Sendo assim, as variações selecionadas são as que produzem conseqüências com valor de sobrevivência para os indivíduos, como quer Darwin, ou, para os genes, como quer Dawkins. Já as prejudiciais produzem conseqüências sem valor de sobrevivência para os indivíduos ou genes.

Skinner explica a origem dos comportamentos com base no modelo de seleção por conseqüências e, conseqüentemente, polemiza com o modelo da Mente criativa, a

versão semi-sagrada da Mente, humana, mas ainda de origem Divina, que, desde tempos remotos, ocupa o lugar dessa explicação. O modelo de seleção por conseqüências carrega consigo o conflito com o criacionismo e com a versão semi-sagrada da Mente. Se até hoje o darwinismo, um século e meio depois de seu aparecimento, é atacado por teólogos, religiosos e filósofos, por quantos séculos o modelo de seleção por conseqüências será submetido a ataques da mesma natureza? Com certeza não estaremos mais aqui para presenciar.

Mas, em que sentido Skinner critica o modelo da Mente criativa na explicação do comportamento? Darwin mostrara em *A origem* que o advento de novas espécies não obedece a nenhuma Causa Final, a nenhum Plano, Finalidade ou Propósito de um Criador. Não existe uma Mente Sagrada, a Mente do Criador, que teria criado as espécies de acordo com seu Propósito ou Finalidade. Dawkins disse em seu livro *A escalada do monte improvável* que a variação é aleatória, mas que a seleção é não-aleatória, e que, por essa razão, o darwinismo não pode ser compreendido somente como uma teoria de puro acaso. Isso quer dizer que é o processo de seleção que explica o curso da evolução, seu propósito ou finalidade. Não há, portanto, necessidade de se postular um Criador. Skinner apóia uma tese similar quando defende o processo de seleção contra a Mente criativa: não há nenhuma Causa Final, nenhum Plano, Finalidade ou Propósito de uma Mente criativa na explicação do comportamento. No entanto, nem por isso se deve pensar que ele tenha apoiado a explicação do comportamento baseada na causalidade mecânica (*push-pull*) da física do século XIX, que na psicologia é bem ilustrada, por exemplo, pelos conceitos de reflexo e fisiologia do reflexo e pela psicologia estímulo-resposta. O modelo de seleção por conseqüências refuta o modelo da Mente criativa por se opor, entre outras razões, às Causas Finais, sem que, por assim fazer, se comprometa com causas mecânicas. Nem o Teleologismo nem o mecanicismo encontram abrigo no modelo de seleção por conseqüências (em uma versão totalmente profana da mente, uma que inscreva sua origem completamente na natureza, deve-se escrever 'mente' e 'teleologismo', com iniciais minúsculas).

O modelo de seleção por conseqüências dá origem a novos comportamentos de modo similar àquele que o processo de seleção natural dá origem a novas espécies. Uma variação comportamental pode produzir uma conseqüência de valor para o organismo. Quando isso acontece, a variação é selecionada, podendo-se dizer que há um novo tipo de comportamento no mundo. Mas a variação oferece várias possibilidades de seleção. Por exemplo, pode-se ensinar uma criança a falar português, tupi-guarani, árabe, ou



qualquer outra língua, selecionando-se variações de um amplo espectro de sons que ela é capaz de produzir desde os seus anos mais tenros. O modelo de seleção por conseqüências gera novas “espécies de comportamentos”. Por analogia, pode-se dizer que, se Darwin escreveu *A origem das espécies*, Skinner escreveu *A origem dos comportamentos*.

O conceito de origem do comportamento tem um segundo significado. Uma coisa é explicar a origem de novos comportamentos com base na seleção de variações, outra é explicar a origem das variações que são o material da seleção. Aqui se destacam os conceitos de arranjos acidental e deliberado de condições. Skinner lembra-nos, por um lado, que o arranjo acidental de moléculas mais simples deu origem a moléculas mais complexas (as variações características da vida). Baseando-se no neodarwinismo, lembra-nos que o arranjo acidental de genes deu origem às variações fenotípicas dos organismos. Argumenta, então, que novos comportamentos podem ser gerados pelo arranjo acidental de contingências ambientais. O psicólogo americano diz, por outro lado, que os cientistas inventam novas moléculas, bem como alteram material genético, com o arranjo deliberado de condições que provavelmente não aconteceriam acidentalmente. E diz, enfim, que o arranjo deliberado de contingências ambientais pode gerar comportamentos novos que provavelmente também não ocorreriam por acidente. Mas, note-se bem, nos três casos, seja com arranjos acidentais ou deliberados, os resultados são imprevisíveis. Com efeito, pois se fossem previsíveis, seriam triviais, não seriam originais. Referindo-se ao comportamento, eis o que ele diz em *Tecnologia do ensino*: “não podemos ensinar comportamento original, desde que não seria original se fosse ensinado, mas podemos ensinar o estudante a arranjar ambientes que maximizem a probabilidade de que ocorram comportamentos originais” (1968, p. 180). A Mente do Criador sofre mais um golpe, agora, na explicação da vida, e a Mente criativa, atacada em seu último reduto, agoniza em seu dilaceramento mais profundo.

Em textos como *Criando o artista criativo* e *Uma leitura sobre tendo (having) um poema*, o pensador americano afirma que descobertas científicas e invenções artísticas e literárias podem ser explicadas em termos do arranjo acidental de contingências e vincula sua discussão sobre criatividade ao livro *A origem das espécies* que “é essencialmente um estudo sobre originalidade” (*Criando*, 1970/1999, p. 385). Em *Tecnologia do ensino*, descreve um arranjo deliberado de contingências ambientais que enfatiza a construção de metáforas, a leitura de um autor do ponto de vista do leitor, o afrouxamento da leitura precisa de textos, o afastamento de comportamentos

reprodutivos e o envolvimento com ambientes e atividades plenos das finalidades imaginadas, por exemplo, se quiser ser músico, viva em ambientes musicais, ouça música, leia sobre música, fale sobre música, sonhe com música, transforme sua vida em música. Espera-se, evidentemente, que o arranjo deliberado dessas contingências propicie o advento de comportamentos originais. Porém, não é possível prever quais serão esses comportamentos, pois pode ser, por exemplo, que a pessoa que respira música, ao final não aprenda sequer a assobiar! No entanto, caso apresente uma “variação comportamental musical”, sai-se bem no piano, na composição musical, ou na história de música, o processo de seleção pode entrar em cena. E, embora as variações estejam sempre à espreita, tornando impossível descartar completamente conseqüências imprevistas, efeitos perversos e possibilidades improváveis, pode-se, com alguma previsão e controle, modelar um comportamento original, cuja originalidade é, de início, fenômeno da variação, e depois, da seleção, e trazer ao mundo um compositor ou um historiador ou um pianista como nunca se viu!

É possível intervir no processo de seleção. Com efeito, nos casos dramáticos das práticas culturais atuais que levam à exaustão dos recursos naturais, ao aquecimento global, à poluição ambiental e superpopulação, bem como à ameaça sempre presente do holocausto nuclear, pode-se esperar que, por meio do arranjo deliberado de novos ambientes educacionais, surjam práticas culturais inéditas, sem previsão e controle de quais efetivamente sejam, que tenham condições de interferir no processo de seleção das práticas deletérias atuais. Mas, então, novamente o processo de seleção pode vir à cena para, em princípio, com previsão e controle, modelar e dar forma final às práticas que forem mais adequadas àquela finalidade. Evidentemente, pode-se também planejar práticas culturais e sugeri-las às comunidades interessadas como variações a serem submetidas ao processo de seleção com a finalidade de verificar se têm ou não valor no combate às atuais práticas nocivas às culturas.

*A origem das espécies* é um estudo sobre originalidade, foi o que Skinner disse. A obra de Skinner, *A origem dos comportamentos*, é também um estudo sobre originalidade. Um explica a criação de novas espécies, o outro explica a criação de novos comportamentos. Darwin e Skinner elaboraram teorias da criação, mas os agentes da criação são o acaso e a seleção. Como Dawkins ressaltou, o acaso é mutação aleatória, mas a seleção é não-aleatória. Há no modelo de seleção por conseqüências um elemento de desordem: o *acaso criador*. Mas há também um elemento de ordem: a *seleção criadora* do que tem valor, do que ajuda a sobreviver, do que é bom, e até do

que inútil, o belo, *que depende de nós*. Se do acaso surgir Afrodite, por que não modelá-la? Os destinos do acaso dependem de mãos *in totum* mergulhadas em variações. Existe uma *imprevisibilidade imanente* no modelo de seleção por conseqüências.

## A História do Paradigma

1987. Há dois anos eu era professor de uma das mais respeitadas universidades brasileiras: a PUC de São Paulo. Um sonho para qualquer pessoa que se arvorasse por uma vida acadêmica. Dentre as inúmeras crises financeiras pelas quais a PUC-SP já havia passado e com a decorrente inquietação política que isso sempre acarretou, discutia-se a estadualização da universidade. Eu, às portas do doutoramento, não sabia muito bem que rumo minha carreira iria tomar.

Assim como veio, a crise da PUC permaneceu, e como bons humanos, todos nós nos habituamos a ela (eu, inclusive). Em 1988 tornei-me doutor, e participava de uma das equipes de Análise do Comportamento mais fortes que o Brasil já pode encontrar. Tínhamos na equipe, especialistas em educação, em clínica, em pesquisa básica, aplicada e todos com atuação marcada em análise do comportamento.

Mas estávamos inseguros ainda com o caminho da universidade e resolvemos conversar a respeito de possibilidades. Reunimo-nos por uma ou duas vezes, e, como resultado de várias discussões foi aventada a idéia de fazermos um instituto que tivesse como foco primário de obtenção de recursos, um trabalho aplicado sobre o insucesso escolar de crianças e adolescentes. Pegaríamos crianças com insucesso escolar, e faríamos um bom currículo especialmente talhado para elas e atenderíamos em clínica as questões emocionais oriundas do fracasso, e faríamos orientação a pais. Seria então uma escola, que teria acoplada a ela uma clínica, que se ocuparia de cuidar de repertórios de fracasso escolar, atendimento em clínica, orientação a pais, e ainda poderíamos realizar pesquisas e, por que não, formar analistas do comportamento.

Tudo ia bem enquanto idéia até que chegamos ao ponto para o qual nenhum de nós tinha a menor habilidade: “vender” o produto. Paramos de discutir e nunca mais voltamos ao assunto. Mas a idéia não parou de martelar na minha cabeça. Sempre me pareceu uma ótima idéia.

Corta!

1991, em minha turma de comportamental, tive a oportunidade de ter como aluna uma garota com aparência tímida, mas extremamente inteligente e forte em suas opiniões, ao mesmo tempo de uma doçura notável, revelada por meio de seus olhos azuis profundos. Seu nome: Roberta Kovac. Meio de longe, meio de perto, nossos caminhos vão se seguindo paralelos com alguns cruzamentos nos próximos anos

1992. Primeiro dia de aula de Comportamental I. Estou apresentando o curso, quando chega atrasado e pedindo desculpas por isso, um garoto agitado que senta e começa a fazer perguntas. (eu não sabia ainda que ele não estava agitado apenas porque tinha chegado atrasado: ele é sempre assim!). O garoto fazia perguntas muito interessantes: perguntas de quem enxergava longe. E eu, fiquei de olho na visão dele.

Em dois anos, Denis Zamignani (sim, era ele) já era meu orientando de iniciação científica. Nas diversas orientações interrompidas por idas à padaria onde eu, entre outras coisas, o ensinava a tomar café (que ele detestava) e insistia que uma pessoa não podia andar sem dinheiro no bolso

(o que até hoje ele me prova que é absolutamente possível), fui dizendo a ele sobre o sonho da escola que seria uma clínica, e uma instituição de pesquisa e formação de profissionais de análise do comportamento. Enquanto isso, desenvolvíamos seu projeto de pesquisa, que foi rapidamente acoplado ao projeto de trabalho de conclusão de curso que Roberta Kovac estava desenvolvendo. Nesses projetos, a preocupação básica era a formação do terapeuta comportamental. Denis e Roberta fizeram alianças, criaram com outros amigos um curso e uma instituição para acompanhantes terapêuticos (o Perspectiva), e partilharam das mesmas preocupações que eu.

Denis formado foi dividir comigo a sala de atendimento que eu tinha no conjunto da Regina Wielenska.

O projeto de iniciação científica que havia feito parte da carreira da Roberta e do Denis foi tocado por uma revolução ruiva na minha vida: Joana Singer Vermes. Na mesma época em que desenvolvia sua iniciação científica comigo, Joana fazia sua formação em AT no Perspectiva, com Denis e Roberta. Mais uma ligação estava sendo feita, tanto que até hoje Denis e eu reclamamos a conquista de Joana para nosso grupo. Eu deixo que ele pense que foi responsável por isso...

1996 e 1997 – Cai sobre minha cabeça a presidência da ABPMC. Denis, enquanto secretário da associação, era meus dois braços. Começam a aparecer pelo Brasil propostas de cursos de formação em terapia comportamental, que ainda pareciam estranhas à comunidade. As conversas entre Denis e mim eram cada vez mais freqüentes sobre a necessidade de uma formação que desse aos analistas do comportamento um proceder com maior solidez do que se via até então.

Depois disso, monto com Denis, Joana, Luguí (Luiz Guilherme Gomes Cardim Guerra), e Ricardo (Correa Martone), um novo consultório em Perdizes.

Paralelamente, saído da presidência da ABPMC, fui fisgado pela minha equipe de comportamental (especialmente Amália, Nilza e Téia – “a ordem é meramente alfabética”) para a confecção do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela PUC. Avaliávamos que havia um trabalho sólido na formação dos nossos meninos e os “perdíamos” para outras instituições na hora da pós-graduação. A elaboração do projeto do programa foi um trabalho duro, árduo, com muita discussão, e com muita satisfação.

1999 – Lançamento do curso de pós-graduação: não à toa, Roberta e Denis participam da primeira turma. Não à toa, Joana participa da segunda turma. Roberta e Joana continuam sendo minhas orientandas. O curso e as diversas atividades de orientação dele oriundas me fazem acalantar mais uma vez a possibilidade de criar um instituto de formação profissional.

2003 – Na PUC, a equipe de comportamental já tinha uma intensa atividade na graduação, com Iniciação científica e uma grande massa de monitores sendo formados por nós. O Programa de pós estava consolidado e chegando à sua 100ª defesa. Minha avaliação era de que era hora de começar a expandir a abordagem dentro da universidade e chegar à extensão universitária.

Debruçamo-nos, Denis, Joana e eu na elaboração de um projeto de especialização para ser oferecido pela PUC. Novamente idas e vindas com pedidos de formulação e reformulação. Projeto

melhorado por todas as exigências e um corpo docente de primeira linha, alimentado basicamente por professores doutores da PUC e da USP, vários mestres em Análise do Comportamento pela PUC, e todos eles bem formados em terapia comportamental. Quase todos esses mestres já eram abrigados em uma clínica que Denis e eu administrávamos. Estávamos agora, em uma casa, 12 terapeutas comportamentais atendendo, e quase todos envolvidos no curso de especialização que foi lançado pelo COGEAE em 2005, com coordenação minha e do Denis.

A PUC-COGEAE exigia o número mínimo de 35 inscritos para autorizar o funcionamento do curso. Obtivemos apenas 11 inscrições e o curso foi cancelado... Era 03 de março de 1995.

Ao sabermos da notícia, tivemos 5 minutos de depressão profunda. Depois de tanto trabalho, iríamos “morrer na praia”. Passado esse período, olhei para o Denis com aquele olhar de “você está pensando no que eu estou pensando?”. Sim, ele estava...

Começava a nascer o Paradigma... Em um mês abrimos a empresa, alugamos uma salinha, abrimos novas inscrições, elaboramos contratos de trabalho, fizemos cálculos, compramos cadeiras, enfim... Tantas coisas que seriam infundáveis de serem contadas. Em 05 de abril de 1995, abrimos nossa primeira turma. Iniciava agora, na realidade, o sonho por tanto tempo acalentado. Abria as suas portas o Paradigma – Núcleo de Análise do Comportamento.

Já para a ocorrência da primeira turma, precisávamos oferecer aos alunos que não tinham consultório o espaço para atenderem, e clientes. Começamos então a nossa “integração” com a comunidade do nosso entorno. Captamos clientes que eram isentos de pagamento para serem atendidos pelos alunos da especialização.

Dessa primeira turma, formamos 8 terapeutas analítico-comportamentais (nomenclatura adotada por analistas clínicos do comportamento no Brasil em reunião realizada em São Paulo, no Paradigma). Vários deles passaram a atender em nossas dependências.

Minha preocupação com a formação contínua dos professores do Paradigma e com a atualização dos terapeutas que trabalhavam conosco fizeram com que mais uma vez uma idéia brotasse de uma das raras noites de insônia que tenho: o lançamento dos Tópicos Avançados. Fruto dessa preocupação e mais da solicitação da Zilah (Brandão), da Fatiminha (Conte), da Regina (Wielenska) e da Yara (Ingberman), para que nós criássemos um curso que nos fizesse estudar, os encontros dos Tópicos Avançados foi uma idéia que me agrada muito. Nele, convidamos uma vez por mês, um especialista em algum tema de ponta” para nos ensinar as atualidades de sua área, além de discutirmos casos clínicos trazidos por nós mesmos.

Veio a segunda turma, e Denis e eu percebemos que não agüentariamos o tranco da coordenação sozinhos. Não ao acaso, as convidadas para participarem dessa empreitada foram Roberta e Joana. Trabalhos conjuntos de anos a fio eram agora consolidados em torno do projeto maior.

Ao final da formação da segunda turma, recebemos a avaliação positiva do Conselho Federal de Psicologia como uma instituição que pode certificar seus alunos como especialistas em psicologia clínica.

Criamos também um sistema de bolsa atendimento para que nossos alunos pudessem pagar menos: captamos clientes de população que pudesse pagar o piso da classe por sessão, e cobramos esse valor do cliente. Ele é atendido pelo nosso aluno de especialização que tem supervisão nossa durante o período em que estiver atendendo esse cliente, e metade do que captamos é abatido da mensalidade do aluno. Com a possibilidade de atender até 3 clientes nesse esquema, o nosso aluno pode ter uma bolsa de quase 50% em sua mensalidade.

Era hora agora de dar mais um passo em direção à integração: trazer mais ativamente a comunidade para dentro do Paradigma. Foi lançado, então, o Cine Paradigma, que se propõe a ser uma atividade na qual um tema do dia-a-dia é discutido por algum psicólogo analista do comportamento por meio de uma história contada em um filme conhecido. Cada membro da platéia traz a título de “pagamento”, um quilo de alimento não perecível, que é distribuído para as instituições de caridade de nosso entorno.

Ainda para oferecer mais oportunidades de publicação em Análise do Comportamento, foi criada a Editora Paradigma que conta por enquanto com apenas um título: “A Clínica de Portas Abertas”, iniciativa mais uma vez, do Denis, Roberta e Joana.

A partir da daí as atividades do Paradigma só vêm crescendo. Temos hoje vários ex-alunos trabalhando conosco (somos 22 terapeutas e acompanhantes terapêuticos de formação analítico-comportamental<sup>1</sup> e um psiquiatra<sup>2</sup>), duas turmas concomitantes de especialização, um curso de formação de Acompanhantes Terapêuticos, que para a próxima turma já conta com 30 inscritos, curso de Terapia de Casal e Família, grupos de estudo sobre OBM, Orientação Profissional, Orientação para o Estudo, serviços de ATs em várias áreas (de problemas psiquiátricos a idosos) e cursos esporádicos sobre temas diversos, incluídos aí Psicologia do Esporte, Terapia Infantil, Ansiedade... Nossa equipe de professores e supervisores é de primeira linha<sup>3</sup>, e estamos cuidando também para que nossos ex-alunos possam se tornar professores e supervisores, instituindo agora a figura dos monitores em nossas disciplinas<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Aldaysa Vidigal Marmo; André Luiz Jonas; Dacio Soares; Denis Roberto Zamignani; Fernanda Libardi; Fernando Cassas; Giovanna Del Prette; Flavia Hisatsugu; Joana Singer Vermes; Livia Godinho Aureliano; Luciana Cavalvanti; Marcio Alleoni Marcos; Maria Amália Pereira; Marina Mazer; Nicodemos Batista Borges; Nicolau Pergher; Paula Braga; Roberta Kovac; Roberto Banaco; Sueli Amaral; Tatiana Araújo; Yara Claro Nico

<sup>2</sup> Felipe Corchs

<sup>3</sup> Alessandra Avanzi; Cândido Pessoa; Cassia Roberta Thomaz; Cibele Freire Santoro; Cristina Moreira Fonseca; Denigés Regis Neto; Denis Roberto Zamignani; Fabio Leyser Gonçalves; Felipe Corchs; Fernando Cassas; Giovanna Del Prette; Gisa Baumgarth; Joana Singer Vermes; Livia Godinho Aureliano; Maly Delitti; Maria Martha Hubner; Miriam Marinotti; Nicodemos Batista Borges; Nicolau Pergher; Paula Gíóia; Priscila Derdik; Regina Wielenska; Roberta Kovac; Roberto Banaco; Sonia Meyer; Tatiana Araújo; Yara Claro Nico

<sup>4</sup> Aldaysa Vidigal de Marmo; Anita Bellodi; Carolina Kherlakian; Fernanda Libardi; Giovana Del Prette; Lygia Dorigon; Marcio Alleoni Marcos; Maria Amália Pereira; Sueli Amaral.

Por um cuidado excelente e herança de uma breve passagem de João Ricardo Pedro conosco, temos uma parceria com a Associação Viva e Deixa Viver, como nossa participação em responsabilidade social. A “Viva” é uma associação que treina contadores de histórias para darem alento em leito de hospital a crianças portadoras de HIV. Nossa atuação é oferecer apoio psicológico aos contadores de história e ceder nosso espaço para alguns cursos que o “Viva” está programando para seus frequentadores.

Por fim, com o intuito de reconhecer e incentivar a produção em análise do comportamento no Brasil o Paradigma instituiu o Prêmio Paradigma, cuja entrega dar-se-á em 05 de julho de 2008. Foram instituídas 4 modalidades de Prêmio: trabalho de conclusão de curso de graduação, monografias de cursos de especialização, dissertação de mestrado e tese de doutorado. Foram convidados como pareceristas os maiores expoentes da Análise do Comportamento do Brasil para comporem a comissão julgadora dos trabalhos inscritos. Outra ação no sentido de reconhecer o trabalho das instituições de Análise do Comportamento, somos um instituto afiliado e contribuinte com a ABPMC.

Enfim, é uma história de longa data, mas ainda com muito a construir. Nós do Paradigma estamos muito satisfeitos com ela.